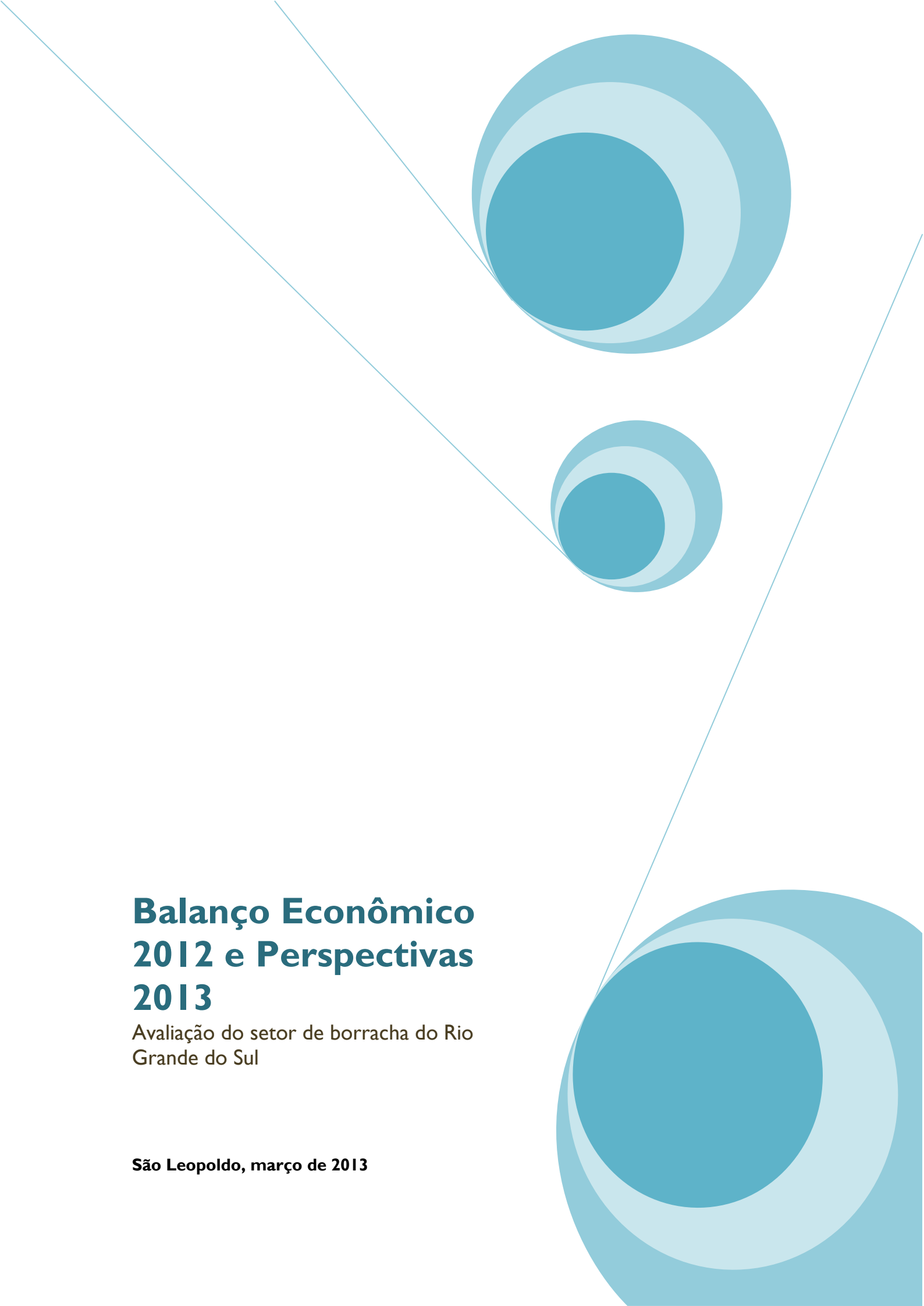




Balanço Econômico 2012 e Perspectivas 2013

Avaliação do setor de borracha do Rio
Grande do Sul

São Leopoldo, março de 2013



1. Sumário Executivo

2. A economia brasileira em 2012

- ***O setor de borracha no contexto nacional***

3. O Rio Grande do Sul em 2012

- ***O setor de borracha gaúcho***

4. Perspectivas



SUMÁRIO EXECUTIVO

A dinâmica da ***economia brasileira*** ao final do ano de 2012 dá suporte a um processo de reversão do ciclo de queda e que deve resultar em um crescimento maior para 2013. Do lado da demanda elementos como um nível de consumo das famílias ainda crescendo em torno de 4,8% e a retomada dos investimentos podem ser determinantes para garantir essa recuperação. Do lado da oferta, destaque para o forte ajuste de estoques que ocorreu durante o ano passado, e que abre espaço para a recuperação da indústria.

Mais uma vez, no caso do ***Rio Grande do Sul***, a agropecuária foi determinante para derrubar o PIB. Aos efeitos negativos da estiagem sobre a safra de grãos, soma-se a queda da produção industrial que teve uma desaceleração mais intensa do que a média do Brasil.

O desempenho da ***indústria de borracha*** brasileira seguiu o ocorrido na indústria no cenário nacional. Porém, os sinais recentes dão mostras de que o setor iniciou um processo de recuperação, seja em pneumáticos ou então em artefatos. No caso do Rio Grande do Sul a retração do setor foi mais intensa contribuindo para manter o nível de utilização da capacidade ainda baixo.

O mesmo pode-se dizer sobre as ***exportações do setor***, que tiveram queda, quando medidas em dólares, tanto no Brasil quanto no Estado. Porém, essas foram muito mais intensas na indústria de borracha do Rio Grande do Sul. Destaca-se que a taxa de câmbio média mais desvalorizada ao longo do ano conseguiu amenizar a queda das exportações em dólares.

As ***perspectivas*** para 2013 são de melhora no cenário nacional. O mesmo ocorrendo no Rio Grande do Sul, em especial com a previsão de uma safra de grãos maior. No caso da indústria, a retomada dos investimentos e da produção no ambiente nacional pode ser determinante para garantir a retomada do setor.

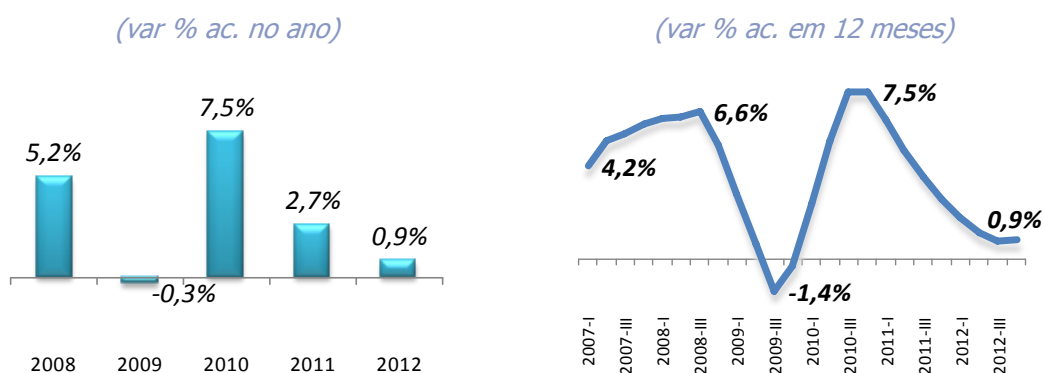


A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2012

Os dados mais recentes sobre o desempenho da economia brasileira, em especial o PIB, comprovam o forte **processo de desaceleração** ocorrido durante o ano de 2012. A taxa de crescimento, que foi recorde em 2010, rapidamente declinou para um patamar de 0,9%. Se de um lado, o resultado de 2010 em muito se distanciava da média histórica e do nosso potencial, o mesmo também se pode dizer dos resultados recentes. A avaliação dos fatores determinantes dessa desaceleração permite afirmar que esse processo pode ser muito mais explicado por características internas do que externas.

A despeito da crise internacional, que teve seus impactos negativos mais significativos no Brasil restritos ao ano de 2009, o que se verificou nesses últimos dois anos foi, em grande parte, o resultado do esgotamento de um modelo de crescimento muito **concentrado no consumo**.

Evolução do PIB do Brasil



Fonte: IBGE

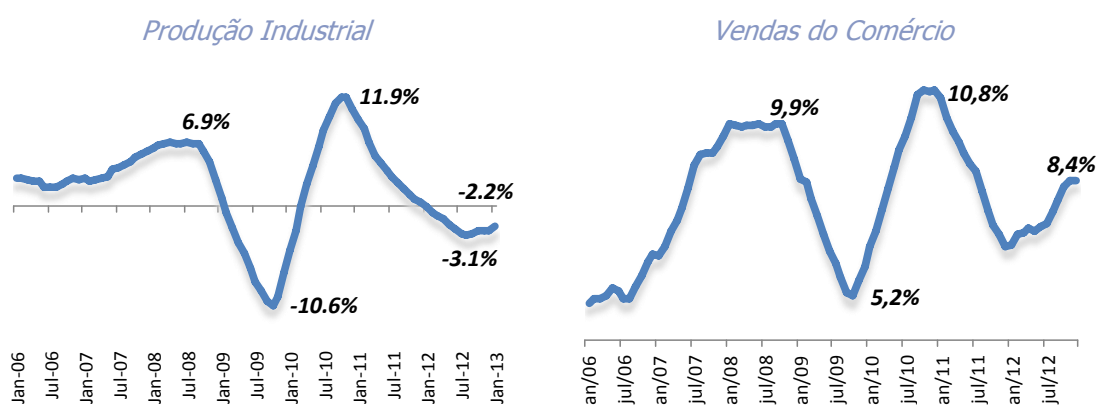
Entre 2007 e 2012, **o consumo das famílias** cresceu, em média, 5% ao ano, impulsionado, em grande medida, pelo aumento da renda real, crescimento do emprego, principalmente formal, e a maior concessão de crédito que foi complementada com o alongamento dos prazos de financiamento. Esse resultado foi bem maior que a média de expansão do PIB para o mesmo período, que ficou em 3,6%.



Como resultado dessa combinação de *incentivos ao consumo*, o que se verificou foi um descolamento entre a performance da indústria nacional e das vendas do comércio. Para o mesmo período, enquanto aquele cresceu a uma taxa média anual de 1,5%, essas se expandiram em 8%.

Esse resultado leva a crer na complementação da demanda interna com *importações*, que foram significativas tanto no que diz respeito a bens de consumo duráveis quanto para bens intermediários. De fato, a taxa média anual de crescimento das importações¹ entre 2007 e 2012 foi de 11,4%.

Variação Percentual em 12 meses



Fonte: IBGE. Comércio Varejista.

Porém, os dados mais recentes reforçam a percepção de que o quadro de desaceleração do PIB já se encontra em *processo de reversão*, com sinais claros de que a economia atingiu um ponto caracterizado por analistas como vale. Nesse sentido, é natural esperar que os meses seguintes possam representar uma trajetória mais positiva. É o que se costuma denominar de movimentos cíclicos. E as evidências ocorrem em diversas variáveis e setores.

Do lado da demanda, o *consumo das famílias*, que se manteve praticamente estável entre o final de 2011 e o segundo trimestre de 2012, voltou a ter taxas maiores nos dois últimos trimestres do ano passado, crescendo 4,7% em termos anuais. Além disso, no quarto trimestre de 2012, os

¹ Medido pelo PIB.

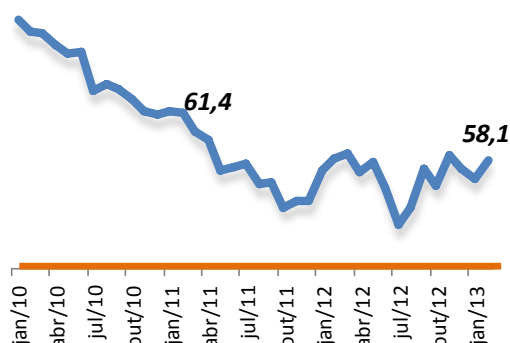


investimentos tiveram a primeira variação positiva desde o terceiro trimestre de 2011.

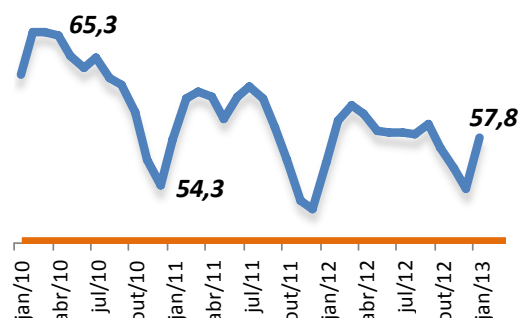
Do lado da produção, é possível notar a retomada de diversos subsetores da indústria que estão relacionados ao fornecimento de bens intermediários como, por exemplo, produtos de madeira, refino de petróleo, petroquímicos, artefatos de borracha, laminados de plástico, embalagens metálicas e material elétrico para veículos.

Por fim, o que reforça a percepção de reversão desse ciclo foi o **ajuste de estoques** que aconteceu na economia brasileira durante todo o ano de 2012, o que irá demandar, por parte da indústria, a necessidade de retomar a produção nos próximos meses em um cenário onde o consumo das famílias segue firme.

Índice de Confiança do Empresário Industrial



Sondagem Industrial – Expectativa de Demanda



Fonte: CNI

Essa percepção de mudança no cenário macroeconômico encontra respaldo nos resultados apontados pelo índice de **confiança do empresário industrial**. Apesar do menor patamar relativamente ao que se verificava entre 2010 e 2011, os dados dos últimos meses sinalizam para uma melhora na confiança, bem como, na expectativa de demanda para os próximos meses.



Portanto, a despeito do número do ano apontar um crescimento baixo, os indicadores referentes ao último trimestre permitem inferir que os meses subsequentes representam uma mudança de tendência. Não há dúvidas sobre esse processo de recuperação, o que deve resultar em uma taxa de **crescimento maior** em 2013 relativamente ao ano passado. A questão principal, a partir de então, passa a ser determinar a magnitude dessa recuperação e como o governo irá enfrentar as pressões inflacionárias que devem permanecer pelo menos até meados do ano.

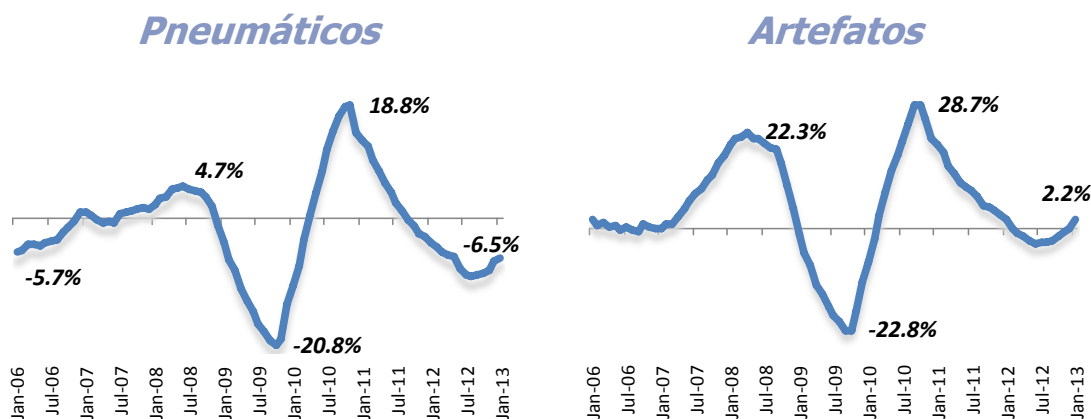
• ***O Setor de Borracha no Contexto Nacional***

O setor de borracha brasileiro apresenta um comportamento em linha com o verificado para o restante da economia. A produção de ambos os segmentos que compõem o segmento saíram de um **patamar elevado** em meados de 2010 para o terreno negativo muito rapidamente.

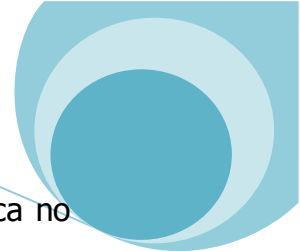
Destaca-se que essa desaceleração foi intensa, mas, os resultados recentes sinalizam tal qual para o agregado da economia, que esse ciclo já se encontra em reversão. Porém, essa parece ser **mais lenta na atividade de pneumáticos** do que no de artefatos que, inclusive, já apresenta resultado positivo na produção quando medido em 12 meses.

Evolução da Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE



Um dos motivos que pode ter contribuído para essa menor dinâmica no setor é a exportação. No caso dos pneumáticos a queda em 2012 foi de 5,6%, quando medidas em dólares. Porém, esse resultado negativo foi mais que compensado pela *taxa média de câmbio* que vigorou durante boa parte do ano em patamar mais elevado, resultando em um faturamento das exportações 4,3% maior quando medido em reais, já descontados os efeitos inflacionários. Mesmo assim, esse faturamento com exportações em reais é o menor desde 2010.

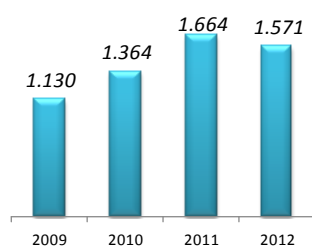
Por outro lado, no caso de artefatos, as exportações tiveram crescimento de 4,8% em dólares e, com o câmbio médio desvalorizado, esse teve expansão de 16,7% quando medido em reais. A despeito da diferença de *participação das exportações* desses segmentos sobre o faturamento da indústria, o fato é que, além do comportamento diferenciado do mercado consumidor interno, a menor performance das exportações foi outro fator a contribuir para um desempenho mais fraco do segmento de pneumáticos relativamente ao de artefatos.

Por fim, as exportações de matéria-prima de borracha no ano passado foram as que mais se retraíram, cerca de 10% sobre 2011, encerrando o ano em US\$ 496 milhões. Nesse caso, mesmo a taxa de câmbio média mais desvalorizada *não foi o suficiente para reverter esse resultado* e, o ano de 2012 encerrou com queda de 0,6%, e um faturamento de exportações da ordem de R\$ 1 bilhão.

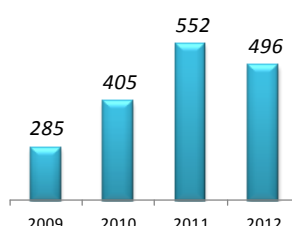
Evolução das Exportações no Setor de Borracha

(em US\$ milhões)

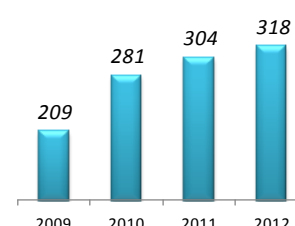
Pneumáticos



Matéria-Prima



Artefatos



Fonte: SECEX



No total, as exportações do setor de borracha no Brasil foram de US\$ 2,38 bilhões no ano passado. Uma queda de 5,4% sobre 2011, mas, mesmo assim, acima do resultado de 2010 (US\$ 2 bilhões). Em reais, descontados os efeitos inflacionários, nota-se um crescimento de 4,7% sobre 2011, colocando o *faturamento com exportações* em R\$ 4,8 bilhões, cerca de R\$ 200 milhões a mais do que o ano anterior.

Como pode ser visto, não fosse o câmbio mais favorável o faturamento com a atividade exportadora teria sido negativo e, com isso, os resultados do setor poderiam ter sido ainda piores do que o observado.

Apesar da menor dinâmica da produção e das exportações no ano passado, a *avaliação dos empresários* do setor no Brasil sobre as condições atuais da economia voltaram a trilhar terreno positivo depois de 17 meses sinalizando pessimismo.

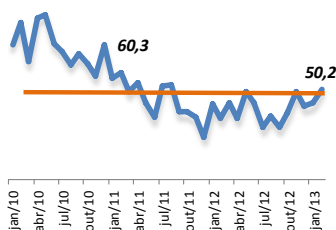
A pesquisa realizada pela CNI – Confederação Nacional da Indústria mostrou um nível de confiança do empresário em 50,2 o maior desde agosto de 2011. Complementando essa avaliação conjuntural podemos destacar as *expectativas para os próximos meses* que permanecem sendo positivas, a despeito do resultado da pesquisa de fevereiro apontar resultado (57,4) ligeiramente menor do que o verificado em janeiro (61,3).

De acordo com a metodologia proposta pela entidade, a combinação da avaliação das condições atuais com as expectativas resulta o índice de confiança. Como pode ser visto, esse permanece acima do patamar de 50 pontos, sinalizando que os empresários do setor *estão confiantes* na economia. Um aspecto a ressaltar é que, apesar desse resultado positivo, essa confiança permanece abaixo do nível atingido para o total dos empresários industriais (58,1), o que sugere que aspectos particulares devem estar afetando o setor.

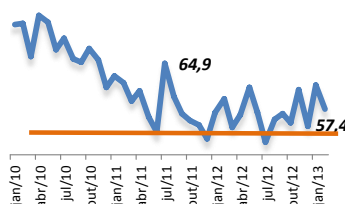


Confiança do Empresário Industrial do Setor de Borracha

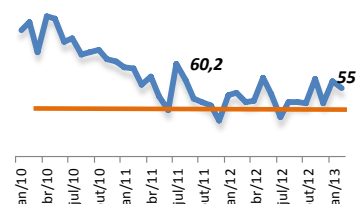
Condições Atuais



Expectativas



Índice de Confiança

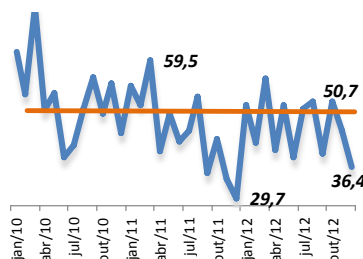


Fonte: CNI

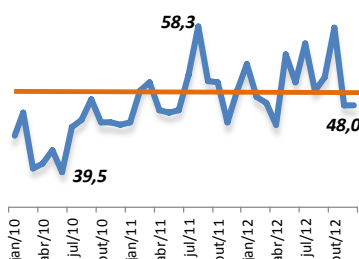
De fato, algumas diferenças nessa avaliação podem ser percebidas em outros indicadores. Por exemplo, enquanto que a **expectativa de demanda** dos empresários do setor segue com perspectiva positiva (54,3), a expectativa de produção continua baixa (36,4), um resultado que pode estar refletindo exatamente o cenário atual, onde foi possível identificar uma forte redução dos estoques na economia.

Sondagem do Empresário Industrial do Setor de Borracha

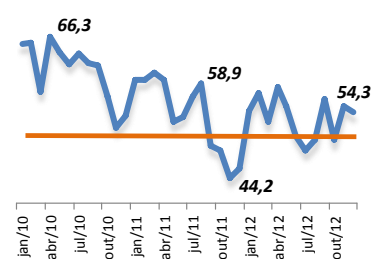
Expectativa de Produção



Estoque efetivo/planejado

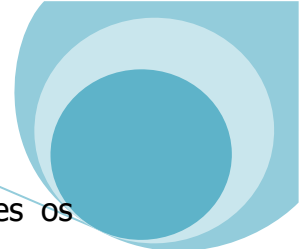


Expectativa de Demanda



Fonte: CNI

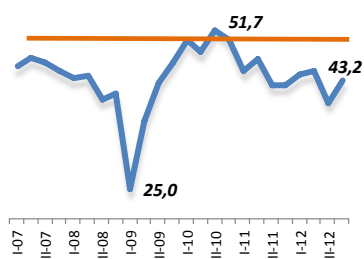
Outro ponto interessante são os resultados referentes à situação financeira das empresas do setor no Brasil, que permanecem com avaliação negativa pelo oitavo trimestre consecutivo, a despeito do **menor custo financeiro** dado pelas baixas taxas de juros. O que pode explicar essa avaliação é exatamente a queda da atividade no setor nos últimos meses



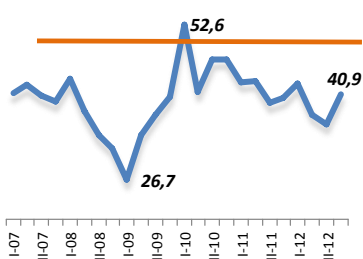
concomitante a um **lucro operacional menor**. Nesses dois indicadores os resultados para o setor são menores do que o verificado para a média dos empresários industriais de todos os setores.

Sondagem do Empresário Industrial do Setor de Borracha

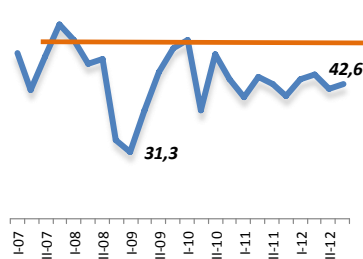
Situação Financeira



Lucro Operacional



Acesso ao Crédito



Fonte: CNI

Além disso, mesmo diante da continuidade da expansão do crédito total da economia, os empresários do setor continuam a apontar **dificuldades no acesso a linhas de crédito**. Destaca-se que essa também é uma realidade para a média dos industriais no Brasil.

Em síntese, a avaliação do setor de borracha durante o ano de 2012 deixa clara a percepção de um cenário ruim, tanto no mercado interno quanto externo. Porém, tal qual o agregado da economia, os números mais recentes sinalizam reversão nesses resultados, o que abre espaço para a expectativa de um ano melhor em 2013.



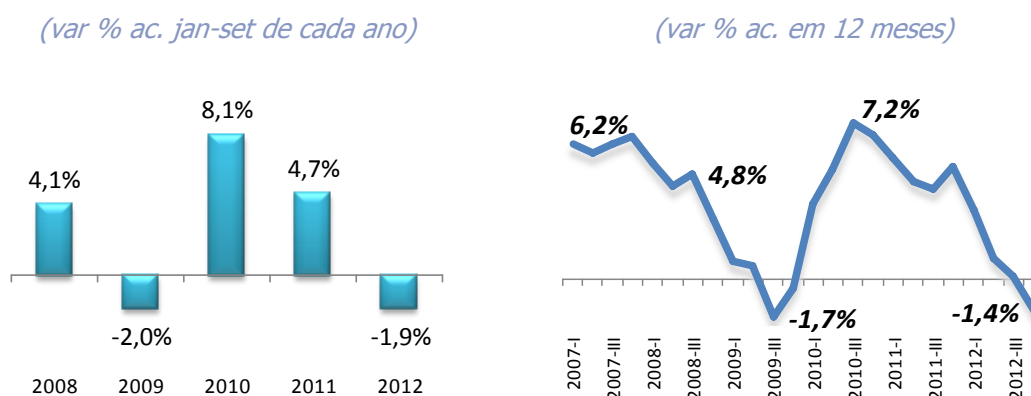
O RIO GRANDE DO SUL EM 2012

A performance da economia gaúcha durante o ano de 2012 deveria seguir naturalmente o cenário macro. Porém, o que se verificou foi um **resultado bem mais negativo**, com o PIB apresentando a segunda retração em um espaço de quatro anos.

O resultado dos nove primeiros meses de 2012 foi uma queda de 1,9% sobre igual período de 2011, acentuando o processo de desaceleração que já estava em curso. E, o que mais preocupa é que a **magnitude dessa** é similar ao resultado de 2009, mas, com o fato de que, naquele ano, verificou-se uma das piores crises no cenário internacional.

O processo de desaceleração fica mais evidente quando analisamos o comportamento em 12 meses. Depois de atingir o pico de crescimento ao final de 2010 com expansão acumulada de 7,2%, na esteira do cenário macroeconômica favorável, a economia gaúcha iniciou uma **trajetória declinante** que ainda não mostra sinais de reversão. Assim, chega-se ao terceiro trimestre de 2012 com um PIB em retração de 1,4%.

Evolução do PIB



Fonte: IBGE/FEE

Como salientado anteriormente, o mesmo quadro de desaceleração se verificou no cenário nacional, porém, a queda da produção foi mais intensa no Estado. Há diversos aspectos de competitividade que podem afetar a atividade



produtiva no longo prazo no Rio Grande do Sul, e que realmente contribui para limitar a dinâmica setorial como, por exemplo, as deficiências logísticas, as pressões salariais, a questão tributária dentre outros. Porém, do ponto de vista da decomposição do PIB, dois fatores foram determinantes para explicar o cenário do ano de 2012.

Em primeiro lugar novamente o *desempenho da agropecuária*, que teve uma queda de 18% na produção nos nove primeiros meses do ano passado sobre igual período de 2011, tendo sido essa mais intensa do que a ocorrida na estiagem de 2005. Por outro lado, no ambiente nacional, o setor teve uma retração de apenas 1,2%.

Na verdade, a maior explicação para o fraco desempenho da agropecuária vem da agricultura, com destaque para duas importantes culturas para o estado; (i) *a soja*, onde se verificou uma quantidade produzida 43% menor. Destaca-se que essa foi a maior desde a estiagem de 2004/05 e representou cinco milhões de toneladas a menos e produziu impactos significativos na formação de renda, em especial nos municípios mais dependentes dessa cultura; (ii) a queda 13% na produção de *arroz*, ou seja, 1,1 milhão de tonelada a menos, e que também foi o pior desde a safra de 2002/03.

A despeito da disponibilidade de dados até o momento da elaboração desse relatório, esse quadro em pouco deve ter ser revertido quando os dados do PIB do último trimestre de 2012 forem conhecidos. Isso porque a maior parte da *composição do PIB do setor agrícola*, que seria a safra de soja e de arroz, ocorre no primeiro semestre.

De qualquer forma, a agropecuária isoladamente não teria o poder de derrubar o PIB do estado, uma vez que sua participação direta² é de apenas 8,7% do total. A despeito dos *efeitos multiplicadores do setor*, em especial sobre a renda, o PIB poderia ter sido positivo se a indústria de transformação, com participação de 21%, não tivesse apresentado variação negativa.

² Último dado disponível para o PIB do Estado em 2010 do IBGE/FEE.

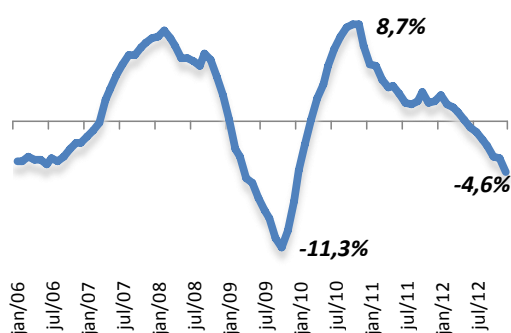


Assim é que podemos afirmar que o segundo fator determinante para caracterizar uma queda do PIB em 2012 foi a produção da indústria, que teve retração de 4,6%. Destaca-se que essa foi a maior desde 2009 e, além disso, se mostrou *mais intensa do que a média do Brasil*, que foi de -2,7% para o mesmo período.

Repetindo a discrepância de comportamento setorial nacional o crescimento das *vendas do comércio*³ foi o contraponto nesse cenário negativo para a economia do Rio Grande do Sul, ajudando a contrabalancear a retração no setor industrial. O crescimento foi da ordem de 9%, o maior desde 2010 e, inclusive, mais significativo que a média do Brasil, que este em 8,4%.

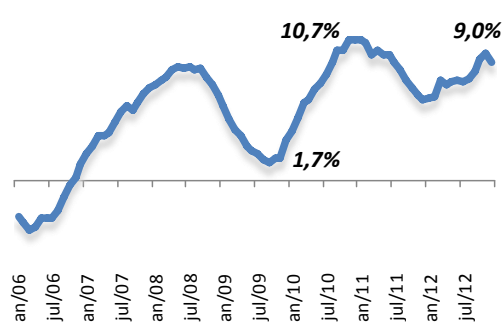
Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Vendas do Comércio

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE

Outro segmento que também teve desempenho positivo no Rio Grande do Sul em 2012 foi a *construção civil*. Nos nove primeiros meses do ano, o PIB do setor se expandiu 2,7% sobre igual período do ano anterior, consolidando o terceiro ano consecutivo de variação positiva. Destaca-se que esse resultado foi melhor que a média do Brasil que, para o mesmo intervalo, cresceu 2%.

Portanto, como apontado, a intensa desaceleração da economia gaúcha ao longo dos últimos meses, quando avaliado pelo lado da oferta, esteve concentrada no desempenho da *agricultura e da indústria de*

³ O comércio representa 12,8% do PIB do Estado.



transformação. Porém, ao avaliar os dados mais recentes relacionados a esses dois setores pode-se notar uma perspectiva melhor para o ano de 2013.

De fato, no caso da agricultura, a **previsão da próxima safra** é de recuperação sobre o resultado anterior. No caso da soja, a Conab aponta que o Rio Grande do Sul irá produzir um total de 12,1 milhões de toneladas, um crescimento significativo de 86% sobre o resultado anterior. O ponto de destaque é que essa deve ser inclusive maior que a verificada na safra de 2010/11, que é considerado o recorde anterior.

O mesmo pode se esperar para a **produção de Arroz**, mas, com um crescimento mais tímido, de 2,3% atingindo 7,9 milhões de toneladas. Apesar da expectativa de aumento da produção nessa cultura, destaca-se que a mesma ainda deve ficar abaixo da verificada na safra de 2010/11.

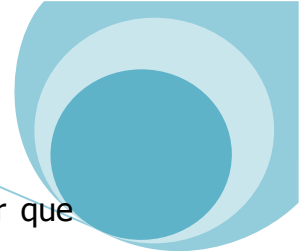
No caso da indústria de transformação a perspectiva se mostra um pouco diferente. O setor ainda não deu sinais de melhora quando são avaliados os dados do final de 2012. Podemos fazer um exercício sobre essa projeção considerando o **efeito carregamento**. Esse é dado pela reprodução, ao longo dos próximos meses, do resultado verificado no mês de dezembro⁴.

Esse exercício é o equivalente a supor a continuidade do cenário atual sobre todo o ano. Nesse caso, a previsão é de uma queda de 8% na produção em 2013 sobre o ano anterior.

Dois pontos emergem dessa análise sobre o setor industrial. Primeiro que, ao projetar a manutenção do cenário atual para os meses seguintes, podemos ver que o ano passado **não terminou de maneira positiva** para o setor. Sendo assim, não se pode afirmar que estamos diante de uma reversão do quadro desenhado até então tal como ficou evidente para o setor no cenário nacional quando se faz a mesma análise.

Em segundo lugar, a caracterização de um ponto de mudança requer que se tenha um **efeito positivo novo**, tal como um choque. A despeito disso, diante

⁴ É importante salientar que essa avaliação só faz sentido se for feita com dados dessazonalizados.



do exposto para o cenário nacional no ano de 2013, não é difícil imaginar que possa ocorrer essa melhora para a indústria no Rio Grande do Sul.

Nesse caso, além dos fatores já citados para o Brasil, como a manutenção da renda real, a evolução do emprego, recuperação dos investimentos e dos gastos das famílias acrescenta-se a melhor perspectiva para o setor agrícola no Estado, ponto fundamental para sustentar essa recuperação na indústria gaúcha.

Do lado contrário, pesa a *valorização da taxa de câmbio*, já materializada no primeiro trimestre e que mantém perspectiva de assim permanecer nos próximos meses. Nesse caso deverá produzir impactos negativos no segmento exportador, principalmente naqueles que comercializam produtos manufaturados.

Por fim, dada a perspectiva de manutenção de um patamar mais elevado para a renda real no Rio Grande do Sul, mesmo diante de uma inflação pressionada e que contribui para reduzir essa renda real, a expectativa é que as *vendas do comércio* continuem a apresentar números positivos, em linha com a média de expansão histórica que, entre 2007 e 2012, foi de 7% ao ano.

• *O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul*

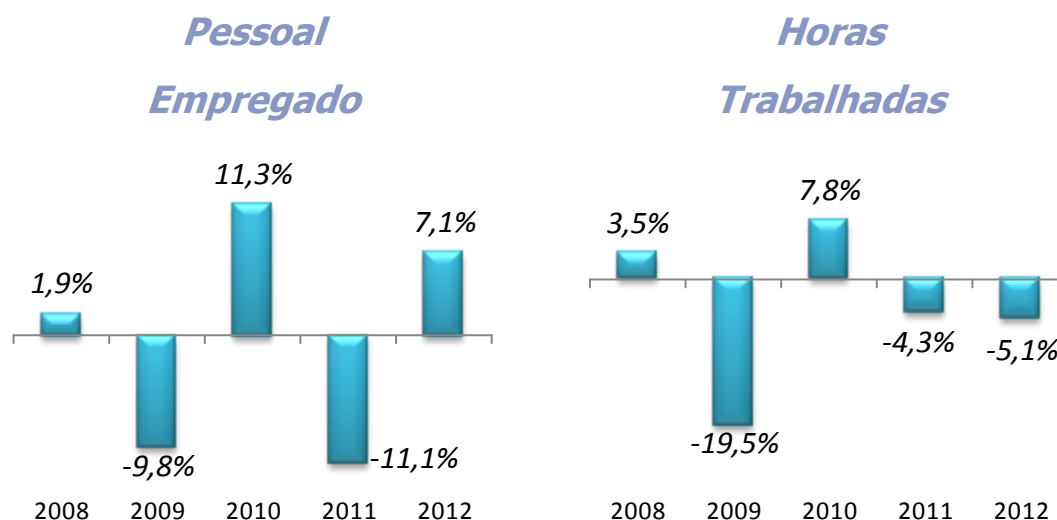
Os resultados da indústria de borracha do Rio Grande do Sul se *contrastam* com a performance do agregado da economia do Estado e também do setor no cenário nacional.

Como comentado anteriormente, a produção industrial do Estado caiu 4,6% nos doze meses terminados em dezembro de 2012 trazendo, consigo, uma retração no pessoal empregado de -1,9% e nas horas trabalhadas de -3%. No caso do *setor de borracha*, o comportamento para o *pessoal empregado* teve dinâmica diferente, com evolução de 7,1%. Por outro lado, mesmo empregando mais, as horas trabalhadas no setor tiveram um ajuste de -5,1%, o segundo consecutivo em dois anos.



Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)



Fonte: FIERGS

Outro comportamento distinto entre a indústria total e o setor de borracha no Rio Grande do Sul ocorreu nas compras. Em um cenário de retração das vendas, a indústria gaúcha teve que ajustar a produção com impactos sobre as **compras do setor** que trilharam o terreno negativo durante todo o ano de 2012.

Porém essa foi menos intensa para o agregado (-1,1%) do que para o setor de borracha, que teve retração de 36% no mesmo período. Além de esse resultado final ter sido mais intenso no segmento, o que chama a atenção é que a **tendência** também difere. Enquanto que para a indústria total já é possível notar uma trajetória de crescimento das compras, corroborando com a perspectiva de recuperação da produção, para o segmento da borracha os resultados ainda apontam para a continuidade na queda.

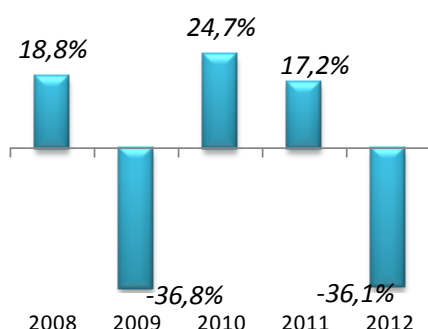
Por fim, a diferença de performance entre a indústria do Rio Grande do Sul e o setor de borracha no ano passado também se reproduziu no **faturamento real**. Enquanto que na indústria total esse teve crescimento de 2,1%, no setor de borracha ocorreu uma retração da ordem de 5,6%, o maior desde 2009.



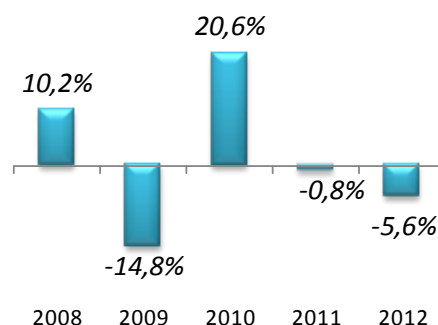
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)

Compras Industriais



Faturamento Real



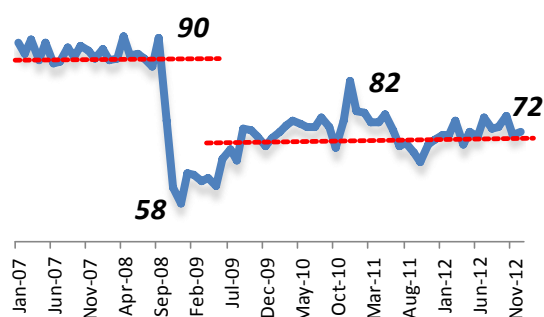
Fonte: FIERGS

A atividade produtiva mais deprimida e as dificuldades enfrentadas pelo setor industrial gaúcho em se recuperar no período pós-crise de 2008, podem ser comprovadas pelo nível de *utilização da capacidade instalada*⁵. No caso do segmento de borracha essa se encontra no patamar de 72, praticamente no mesmo nível de 2009 e, bem abaixo da média do período pré-crise, quando essa se situava em 90. Portanto, podemos inferir que há espaço no setor para crescer no médio prazo sem a necessidade de novos investimentos.

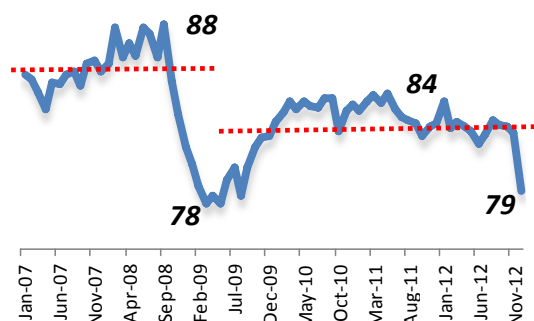
Utilização da Capacidade Instalada da Indústria no RS

(Grau médio)

Setor de Borracha



Total da Indústria



Fonte: FIERGS. Ajustados sazonalmente X-12.

⁵ Por definição o indicador oscila entre 0 e 100.



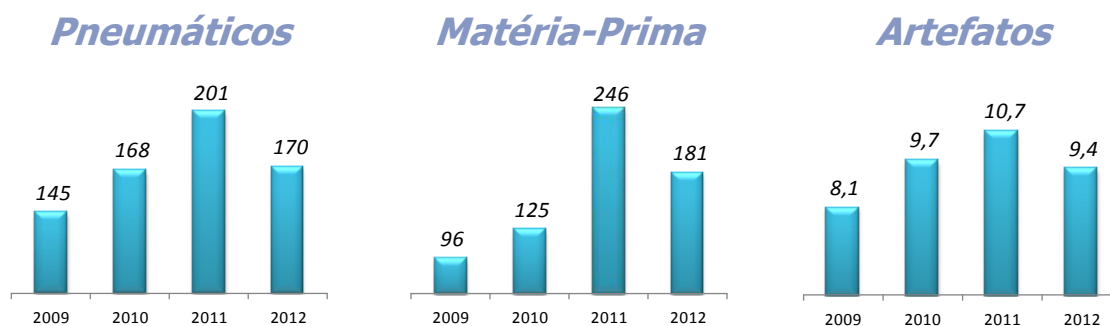
Esse cenário também é nítido para a indústria total, onde o nível médio menor de utilização da capacidade instalada permanece em 81 desde o final de 2009, portanto, abaixo do que se *verificava no período pré-crise*, quando estava em 86. Nesse caso o que preocupa é que, mais recentemente, esse nível de utilização da indústria total teve uma forte retração, se igualando ao que se verificou no pior momento da crise no início de 2009. O nível atual da UCI também permite inferir que a indústria do Rio Grande do Sul retome a produção sem ter que fazer novos investimentos no médio prazo.

Dentre os fatores que podem explicar esse resultado mais tímido para o setor de borracha relativamente à média da indústria, destaque para as *exportações*. Essas tiveram queda no caso do setor no Brasil. Na avaliação do Rio Grande do Sul não foi diferente, com *retração* em dólares e nas três divisões avaliadas.

Para o segmento de pneumáticos a queda foi de 15%, colocando as exportações no mesmo patamar do verificado em 2011, tendo sido bem mais intensa que a retração média do setor no Brasil. Ou seja, a indústria de pneumáticos do Rio Grande do Sul sentiu, em média, mais as dificuldades relacionadas com a atividade exportadora do que a média da indústria de pneumáticos do Brasil.

Evolução das Exportações do Setor de Borracha

(em US\$ milhões)



Fonte: SECEX



As exportações de matérias-primas tiveram trajetória semelhante, com uma queda da ordem de 26%, ou seja, US\$ 64 milhões a menos do que a verificado em 2011. Para o mesmo segmento no Brasil essa retração foi menor, de 10%. Por fim, as exportações de *artefatos de borracha* do Rio Grande do Sul, com queda de 12%, também foram mais intensas e se contrapõem à expansão de 4,8% para a média do segmento no Brasil.

No total, as exportações do setor de borracha gaúcho atingiram os US\$ 361 milhões em 2012, 21% de queda sobre o resultado de 2011. Uma *retração bem mais intensa* do que os 5,4% verificados para o total do setor no Brasil, evidenciando, claramente, maiores dificuldades locais.

A avaliação das exportações em reais, descontados os efeitos inflacionários, também revelou um quadro distinto entre o setor no Brasil e no Rio Grande do Sul. Enquanto que, para o primeiro, uma *taxa de câmbio média mais desvalorizada* ao longo do ano foi mais do que suficiente para reverter a queda das exportações em dólares, isso não se verificou para o setor no Estado. Em todas as três divisões apontadas acima o faturamento das exportações em reais da indústria no Rio Grande do Sul foi menor do que o verificado em 2011 e, no total, a queda foi de 13%, representando uma perda de faturamento de R\$ 111 milhões.



PERSPECTIVAS

Os dados referentes ao encerramento de 2012 para a economia brasileira carregam muita informação sobre as perspectivas que se desenharam para esse ano.

Em primeiro lugar que fica evidente o *ajuste cíclico* em um cenário de *estoques baixos*, fundamental para dar suporte ao avanço da produção do setor industrial. Os dados que descrevem o comportamento dos diversos tipos de subsetores voltados para a atividade de bens intermediários, utilizados como indicadores antecedentes, dão suporte a essa percepção.

Em segundo lugar que, mesmo tendo menor dinâmica em um contexto de inflação média maior, o fato é que a evolução da *renda real* ainda se configura em um importante vetor de crescimento do consumo das famílias. O que também deve dar suporte ao avanço das *vendas do comércio*.

Por fim, há que se falar sobre os investimentos, um dos componentes do PIB que mais contribuiu para a desaceleração recente. A variação positiva do último trimestre do ano passado, depois de quatro trimestres de retração, combinada com uma melhora do *índice de confiança* do empresário em um ambiente de juros reais baixos, sustentam a aposta em uma retomada, não tão robusta, durante o ano de 2013. Sendo assim, o quadro desenhado para o cenário nacional é de um *crescimento do PIB* que deve ficar entre 2,7% e 3,2%.

No caso do *Rio Grande do Sul* a perspectiva de uma safra recorde de soja, combinada com a recuperação da produção de arroz, irão contribuir para reverter os impactos negativos que a agricultura produziu sobre o PIB em 2012. Porém, essa reversão não parece tão nítida para o setor industrial, principalmente a indústria de transformação, muito penalizada pela *queda dos investimentos* e da produção no Brasil e também pela estiagem no estado.

De qualquer forma, a perspectiva é que, durante o ano de 2013, esses mesmos elementos sejam revertidos. De um lado, no cenário nacional em



especial, os efeitos da retomada da produção podem se materializar na indústria de bens intermediários. De outro, maiores investimentos e a manutenção de um consumo das famílias ainda em patamares elevados, são outros fatores que podem servir de *impulso para a indústria* do Rio Grande do Sul em 2013.

Ao traçar esse cenário é importante considerar a existência de *fatores de risco*. O primeiro deles é no ambiente internacional e relacionado, em especial, às incertezas sobre a recuperação econômica na Europa, importante aliado comercial do Rio Grande do Sul. O segundo é a dinâmica da inflação no mercado interno e seu impacto sobre a formação de renda real e consumo e, mais relevante ainda, como deve se dar a reação da autoridade monetária a um cenário de preços mais elevados. Ou seja, a magnitude do impacto de uma possível mudança de juros no Brasil irá depender do momento em que esse é feito e do tamanho desse aumento.

De qualquer forma, tanto para a economia brasileira quanto para a gaúcha, os fundamentos e a avaliação cíclica apontam para um ano de 2013 melhor que o de 2012. Mas, nada além da média histórica.

Perspectivas para 2013

(Indústria da Borracha do Rio Grande do Sul)

	2012	2013
Var.%		
Pessoal Empregado	7,1%	3,5%
Horas Trabalhadas	-5,1%	-1,5%
Faturamento	-5,6%	4,6%
Compras	-36,1%	3,3%
Exportações (US\$ milhões)		
Pneumáticos	169,8	187,7
Matéria-Prima	181,5	215,7
Artefatos	9,4	10,4
Total	360,7	414
Exportações (var.%)		
Pneumáticos	-15%	11%
Matéria-Prima	-26%	19%
Artefatos	-12%	11%
Total	-21%	15%